

● REGIÃO

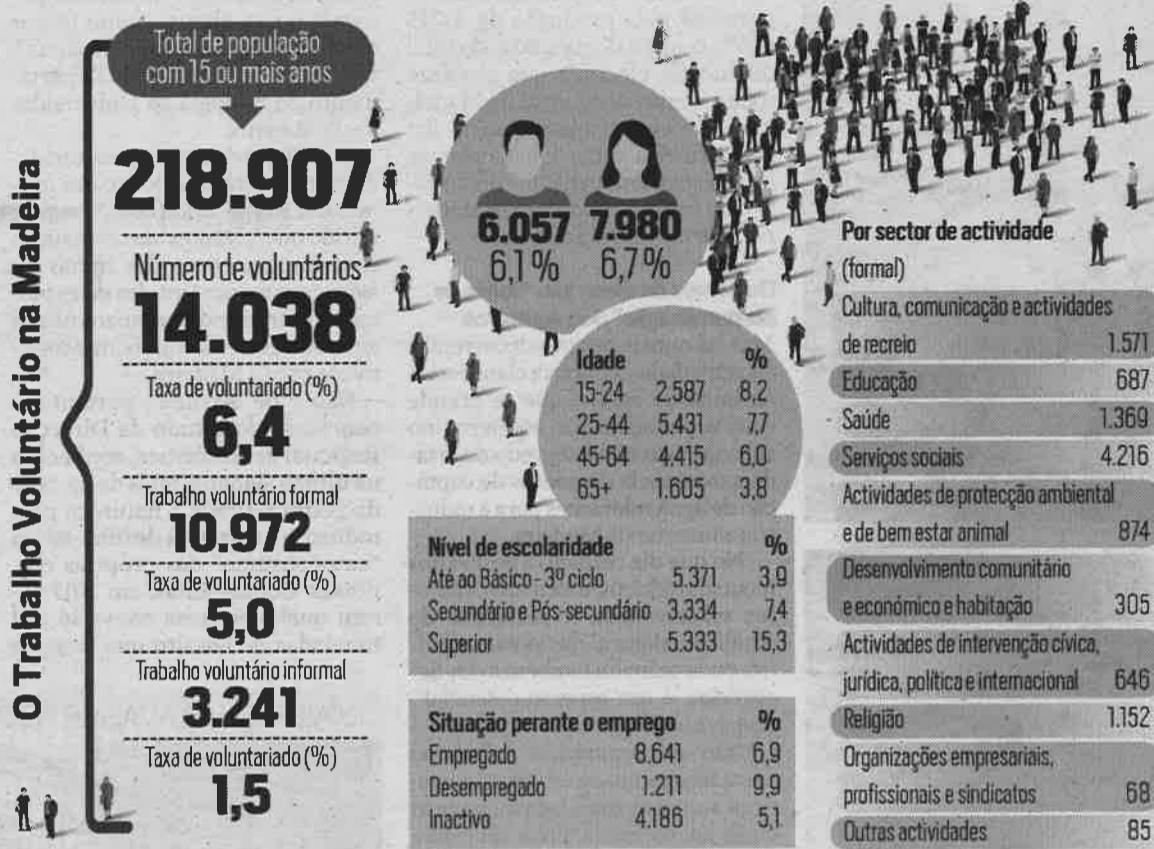
Madeira precisaria de mais 3.000 voluntários

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnovicias.pt

No ano passado, a Região Autónoma da Madeira contou com o trabalho voluntário de mais de 14 mil pessoas, o que resultou numa percentagem de 6,4% do total da população com 15 e mais anos (218.907), a segunda mais baixa taxa de voluntariado do país, que tem uma média de 7,8%. Feitas as contas, para igualar a média nacional (694.454 voluntários em 8.851.668 pessoas com 15 e mais anos), a Região teria de ter, no mínimo, mais três mil pessoas disponíveis para esse serviço não remunerado.

Refira-se que os dados do Inquérito ao Trabalho Voluntário, divulgados na sexta-feira passada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), apontam para uma grande maioria (10.972) a realizar trabalho voluntário formal (através de uma organização) e 3.241 no modo informal (feito directamente a outros não residentes no alojamento e não familiares ou de suas relações familiares). Excluem-se “as actividades de voluntariado originadas por decisões judiciais, obrigatórias como parte de uma sentença de prisão, estágios não remunerados que integram um currículo académico, entre outras formas de voluntariado ‘forçadas’”, esclarece o INE. “O trabalho de entreadada, ou seja, o trabalho efectuado num negócio, exploração agrícola ou gabinete profissional, por parte

O Trabalho Voluntário na Madeira



PARA IGUALAR TAXA DE VOLUNTARIADO NACIONAL (7,8%). EM 2018 FOI A SEGUNDA MAIS BAIXA (6,4%)

de um familiar ou de um amigo, como retribuição de um outro trabalho prestado, também não deve ser entendido como voluntariado”.

Refira-se ainda que o anterior inquérito havia sido realizado em 2012, mas alterações no conceito de trabalho voluntário (informal) inviabilizam a comparação da evolução da realidade nacional e regional. Assim sendo, “em grande medida a distribuição regional da população, a região Norte concentrou quase um terço do total de voluntários (32,4%), seguindo-se a Área Metropolitana de Lisboa (28,3%), Centro (25,1%), Alentejo (6,8%), Algarve (3,7%), Região Autónoma da Madeira (2,0%) e, com a menor concentração, a Região Autónoma dos Açores (1,6%)” e, por outro lado, “nas taxas de voluntariado por região NUTS II, observou-se que duas regiões apresentaram taxas de voluntariado acima da média do país: a região Centro (8,9%) e a Área Metropolitana de Lisboa (8,3%). As taxas de voluntariado mais baixas observaram-se nas Regiões Autónomas dos Açores (5,5%) e da Madeira”.

CRUCIAL NA ECONOMIA SOCIAL QUE TEM POUCO PESO NA MADEIRA

■ O trabalho voluntário desempenha papel fundamental na economia social, pois do empenho das pessoas que se prontificam a ajudar o próximo resulta num maior impacto das entidades ligadas ao denominado ‘ter-

ceiro sector’. No país existiam em 2016 (dados divulgados no mesmo dia) um total de 71.885 entidades da economia social e apenas 1.064 eram registadas na Madeira, ocorrendo o facto de em termos de regiões NUTS II

termos os números mais baixos (os Açores, por exemplo, contavam mais do dobro, 2.327) e por NUTS III estávamos em antepenúltimo em 25 regiões, à frente apenas da Beira Baixa (1.062) e do Alentejo Litoral (815).

“O Norte é uma questão de cair na moda”

Céptico que a fórmula para ‘estancar’ o despovoamento na costa Norte da Madeira só com mais apoios e/ou criação de um regime fiscal específico - conforme já proposto pelo autarca de Santana -, o presidente do Governo Regional, Miguel Albuquerque, está convicto que a solução passa simplesmente por entrar na moda.

“O Norte é uma questão de cair na moda. E vai cair”, assegurou o líder madeirense, à margem da cerimónia de entrega dos 15 projectos aprovados no âmbito da Submedida 19.2 do Proderam2020, realizada

pela ADRAMA.

Por entender que a Região já proporciona bons incentivos fiscais, Albuquerque está convencido que o Norte da Madeira também vai registar um ‘boom’ comparável ao verificado nos municípios do Sudoeste - Calheta, Ponta do Sol e Ribeira Brava.

Para que tal aconteça, considera que “só falta descobrir o Norte e o Norte vai ser descoberto muito rapidamente”, garante.

Numa cerimónia onde muito se falou da valorização do meio rural, para o presidente do Governo essa



valorização “é aproveitar a mudança económica que passa pela modernização da actividade económica”, ou seja, garantir “postos de trabalho, mobilidade e rendimento”. Com estes requisitos estarão criadas as condições para manter as pessoas no meio rural “através da economia e da qualidade de vida que podemos oferecer”, reafirmou.

“É importante não perdermos a noção que a Madeira tem ainda um potencial muito grande na área do turismo rural”, considerou na intervenção realizada antes da entrega dos projectos aprovados.

Um desses projectos trata-se de um inovador barco movido a energia renovável (painéis fotovoltaicos). A embarcação a ser utilizada como táxi marítimo entre a Calheta e o Funchal, será a primeira na Região e a segunda no país movida através de energia solar fotovoltaica e consequente conversão em electricidade.

A dezena e meia de projectos representa, no total, investimentos na ordem dos 3,5 milhões de euros, dos quais, cerca de 1,5 milhões de euros comparticipados através da ADRAMA, através do PRODERAM. O.D.